

O avesso do avesso...

Josefina Paulon

Resenha de Manoel Tosta Berlinck (org). *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, 2005, 439 p.

Será que podemos imaginar quantas representações de *O avaro* de Molière, escrito em 1668, foram feitas até hoje? Ou quantos trabalhos foram elaborados na área da psicanálise desde janeiro de 1896, quando Freud, no *Rascunho K*, enviado a Fliess, dizia: “A neurose obsessiva pode ser curada, se desfizemos todas as substituições e transformações afetivas ocorridas, até que a auto-recriminação primária e a experiência a que ela se refere possam ser desnudadas e expostas diante do ego consciente para serem novamente julgadas”?

Muitas mudanças ocorreram no pensamento de Freud desde essa época até seus últimos trabalhos. Os entraves na clínica e a riqueza de aspectos que a neurose obsessiva oferecia levaram-no, e a seus contemporâneos, a pensar e repensá-la.

Volto a 1896 com as seguintes questões: naquela comunicação a Fliess, Freud parecia não ter dúvidas acerca da cura para as pessoas que sofriam dessa neurose? Ou será que suas observações estavam relacionadas àquele momento histórico-cultural que, ao transformar-se, promoveu uma intensificação defensiva nas manifestações psicopatológicas? Ou tais casos talvez estivessem na interface entre a obsessividade e a neurose obsessiva — um dos importantes destaques que Manoel Tosta Berlinck, organizador desta coletânea, resgata do pensamento de Freud no prefácio da obra?

A capa do livro, a inversão do nome dado por Freud, a foto de Anna O. na primeira página, um prefácio intitulado “Da civilização à neurose obsessiva”, tudo remete ao campo das interfaces e então se torna fácil aceitar o convite para pensar e realizar mais associações sobre a neurose obsessiva porque, como propõe Berlinck, ela é *obsessiva neurose*...

O livro apresenta catorze textos escritos em épocas distintas e com objetivos diversos. Trata-se de trabalhos elaborados entre 1918 e 2005, alguns publicados, outros não, incluindo um artigo de pesquisa em andamento. A abrangência e a qualidade dos textos conferem a esta coletânea uma posição de obra de referência sobre o tema. Sua leitura, além de ampliar aspectos da clínica que não estavam contextualizados para mim no erotismo anal, possibilitou elaborações e vinculações com situações

pertinentes não só ao nosso momento histórico cultural, como também a outros movimentos e personalidades históricos significativos. Para a elaboração da resenha, me permiti transgressões diante do desafio tanto de abordar como de resenhar todos os textos. Para as próximas edições, a sugestão de um glossário e da introdução do ano de elaboração de alguns trabalhos, além de enriquecer a obra, facilitaria o trabalho dos leitores que necessitem explorar o percurso teórico.

Como Berlinck aponta no prefácio, a coletânea se destina a “uma perspectiva metapsicológica sobre essa complexa e intrigante manifestação psicopatológica”. Assim, a presença de Freud é constante, mas a experiência clínica — e isso é maravilhoso — é a grande homenagem na maioria dos trabalhos, inclusive com um resgate significativo de experiências clínicas de Freud.

A coletânea é aberta com dois trabalhos de Karl Abraham. Em “A valoração narcísica dos processos excretórios nos sonhos e na neurose” (1920), o material onírico de dois pacientes, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, faz com que Abraham coloque lado a lado a idéia da onipotência primitiva dos pensamentos e a idéia da onipotência das funções da bexiga e do intestino, ressaltando que não é da superestimação dos excrementos, tão reconhecida pela literatura psicanalítica, que ele está falando, mas sim da superestimação das funções de excreção. Para ele, esta última pode ser mais primitiva, ou seja, uma etapa preliminar da “onipotência dos pensamentos”. Acredito que essa hipótese tem fundamento, considerando um dos principais postulados de Freud de que o Ego é, antes de tudo, um ego corporal. Associa-a igualmente com um dos desenvolvimentos de Winnicott, quando menciona que o psiquismo nasce ou é oriundo da “elaboração imaginativa das funções corporais”. Em “Contribuições à teoria do caráter anal” (1921), todo texto é estabelecido em paralelo com o estudo minucioso de Jones (1918). No entanto, Karl Abraham quer focalizar outras facetas sobre o caráter anal, e o faz apresentando ricos exemplos da clínica e de vida.

No final do artigo, esse autor propõe algo interessante sobre o fato de o caráter anal às vezes estampar-se

na fisionomia das pessoas. Ele sugere que façamos o teste, e eu imediatamente fiz o paralelo com algo que chamou minha atenção desde o início: a capa do livro que retrata Hieronymus Holzschuler, conselheiro municipal de Nuremberg, pintado por Albrecht Dürer em 1526. Vale conferir.

Em seguida, temos o trabalho de Vera Lopes Besset e Susane Vasconcelos Zanotti: “A enfermidade dos tabus: do querer gozar ao querer dizer”. Nesse texto, encontramos muitos exemplos clínicos, posições teóricas e entraves do cotidiano analítico de Freud, principalmente no que se refere ao *tabu de contato* com os pacientes obsessivos. De repente, nos cruzamentos surgem sínteses, associações em geral com as posições de Lacan ou com elaborações teóricas das próprias autoras. Trata-se de um texto curto, porém denso. Elas partem de algumas considerações e questões sobre os sintomas na neurose obsessiva e as contrapõem à dinâmica que ocorre na histeria; é também estabelecido um paralelo com situações que remetem à clínica atual, em que a exigência pulsional se apresenta sob a forma de compulsão: bulimias, anorexias, excessos sexuais, intenso consumo de drogas.

Na seqüência, Maurice Bouvet justifica ao leitor que, apesar do título “O ego na neurose obsessiva. Relação de objeto e mecanismos de defesa”, seu texto focaliza o aspecto das relações de objeto que o ego obsessivo estabelece com seu meio. O início do diálogo teórico remete às conclusões a que Abraham chegou sobre a regressão da neurose obsessiva estar estabilizada na fase anal conservadora com as quais Bouvet não concorda por completo; suas experiências clínicas são convocadas para depor a seu favor, assim como as posições teóricas que passam por Freud, Mack Brunswick, Jones, Bergler, Glover, Lacan. O autor traça ligações entre algumas posições clássicas sobre a neurose obsessiva e estudos contemporâneos.

Um dos pontos altos da coletânea vem a seguir: Flávio Carvalho Ferraz, com o trabalho “A ‘religião particular’ do neurótico. Notas comparativas sobre a neurose obsessiva e a perversão”. Artigo muito rico, em que o autor, além de configurar com clareza a sua proposta de comparação entre a neurose obsessiva e a perversão, oferece um encadeamento teórico que possibilita o estabelecimento de pontes com movimentos histórico-culturais e personalidades da humanidade.

O diálogo teórico é efetuado com Guy Rosolato e Janine Chasseguet Smirgel, que focalizam a comparação tecida por Freud entre a neurose obsessiva e a religião, fazendo da perversão seu oposto.

Sérgio de Gouvêa Franco se faz presente com o texto “Pensando a neurose obsessiva a partir de ‘Atos obses-

sivos e práticas religiosas’, de Freud”. A escolha desse artigo, escrito em 1907, remete a duas questões: a) trata-se da primeira incursão de Freud no campo da psicologia da religião e b) Freud, após dez anos, volta a examinar a questão da neurose obsessiva e surge então o reconhecimento das dificuldades para conceituá-la. Franco estabelece uma leitura sincrônica e outra diacrônica com o texto de Freud. Na conclusão, propõe um término positivo ao resgatar “Escritores criativos e devaneios”, de Freud, e “O gesto espontâneo”, de Winnicott. Os atos criativos e os gestos espontâneos como reverso dos atos obsessivos poderiam levar à resolução da angústia, por intermédio da brincadeira ou do ato de criação.

Estamos no meio do livro e me deparo com quatro textos de grande profundidade teórica, cuja articulação de conceitos não seria possível nesta breve resenha. Será que eles foram estrategicamente colocados ali? Dois são de André Green, “Neurose obsessiva e histeria: suas relações em Freud e a partir de Freud. Estudo clínico, crítico e estrutural” e “Metapsicologia da neurose obsessiva”. Outro, de Urania Tourinho Peres, “Notas sobre a neurose obsessiva em Freud e Lacan”. E, por fim, Decio Gurfinkel nos oferece um artigo imperdível: “Ódio e inação: o negativo na neurose obsessiva”. A negatividade peculiar da neurose obsessiva é abordada tomando-se como pontos de referência o ódio e a inação. Segundo Gurfinkel, o medo obsessivo da Aids, tão comum na clínica atual, constitui-se no herdeiro ou na nova versão do “delírio de tocar”, modelo paradigmático destacado por Freud. Vale ressaltar que, no artigo em foco, encontramos muitas vinculações entre concepções de Freud e de Winnicott.

Encerrando, cito trabalhos que, em sua maioria, apresentam cuidadosa articulação teórico-clínica: “Traços do caráter anal-erótico”, de Ernest Jones; “A mulher obsessiva entre a tragédia e o humor”, de Maria Anita Carneiro Ribeiro; “A objetivação do tempo no mundo obsessivo”, de Maria Lucrecia Rovalletti; e “Mecanismos de defesa na neurose obsessiva: formação reativa, anulação e isolamento”, de Vera Stela Telles.

O quadro que conhecemos hoje como neurose obsessiva era considerado uma manifestação da mania e pertencia ao quadro das psicoses. Os psiquiatras clínicos do século XIX chamaram-na então de mania sem delírio, monotonia de raciocínio, loucura da dúvida, patologia da inteligência. Hoje, como sabemos, ela é conhecida pela sigla TOC (transtorno obsessivo compulsivo), da qual se fala como se fosse um universal.

A riqueza de se falar de um caso no singular está em promover o desenvolvimento na psicanálise, além de remeter à singularidade do analista.

Reporto-me novamente às inúmeras representa-

ções clínicas contidas neste livro porque elas nos ajudam a não incorrer no erro de refletir sobre a neurose obsessiva feminina ou masculina no plural.

O contato com o que acabamos de salientar nos autoriza a criticar a psiquiatria moderna, que pretende classificar, medicalizar e curar a neurose, ignorando a dimensão que ela ocupa na constituição do sujeito humano. Essa conduta pode acarretar a avaliação dos “doentes através de escalas”, tais como a GOCD (*Global scale of severity of obsessive-compulsive symptoms*), ou, o que é ainda mais grave: a neurobiologia propõe atualmente um sítio anatômico no qual podem ser verificadas mudanças fisiológicas, senão patológicas, ligadas ao TOC, o que levou alguns médicos a lançar mão de técnicas de psicocirurgia para tratar esses distúrbios (L. R. Gazzola, 2002).

Foi em 1896, no artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, que Freud, pela primeira vez, declarou que suas pesquisas sobre o inconsciente permitiram a ele situar a neurose de obsessões junto à histeria. A coletânea remete à profundidade com que essa neurose foi estudada nesses 110 anos de psicanálise. Considero fundamentais o laço estabelecido no prefácio entre Freud e Ferenczi e os artigos que remetem a Lacan, isso porque reportam aos psicanalistas que ousaram. A ousadia é importante porque descongela a obra de Freud: esta, tal qual a obra de arte, não pode ser nem congelada nem vista como definitiva. Ambas vivem e revivem graças aos que, de “forma obsessiva”, as penetraram e amaram, a ponto de assumir uma nova leitura e uma nova postura, por essência, algo intrinsecamente pessoal.

Como manifestação civilizadora da obsessividade, me reporto a duas vidas entrelaçadas e quase inteiramente dedicadas à arte: *O inferno* de Dante transformado na majestosa *Porta do inferno* por Rodin.

A nós, psicanalistas, cabem outras transformações, como salienta Berlinck: “por meio da transferência, da associação livre e do sonho” no tratamento analítico, podemos reencontrar “um erotismo mais criativo que se perdeu na memória dos tempos”, e, acrescento, com o apoio inesgotável do campo onírico que a cultura nos oferece.

Josefina Paulon
Psicanalista. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
Rua Baltazar da Veiga 24 — Vila Nova Conceição
04510-000 — São Paulo — SP
Tel. 11 3842-4769
paulonjosy@ig.com.br